

O sol entrava placidamente pela janela do comboio. O brilho dourado atravessava perfeitamente o vidro, penetrando suavemente nas suas faces quentes e macias. Formava-se nele a imagem de uma rapariga de cabelos loiros luzidios e compridos e de lábios ténues. Os traços do seu rosto eram regulares e geométricos, porém pouco harmoniosos e os seus olhos castanhos ocultavam uma dor inexpressiva e austera.

Os cheiros do hospital, os corredores infinitamente brancos, os médicos e enfermeiros a correrem de um lado para o outro, procurando dar uma esperança a cada uma das pessoas naquele lugar. Permanecia tudo tão presente na sua mente. Queria afastá-los, mas o sentimento de culpa assombrava-a e escurecia os seus pensamentos, evocando constantemente aquelas memórias. Naquela tarde prometera-lhe que, acontecesse o que acontecesse, nunca deixaria de fazer o que lhe trazia felicidade. Sentia que tinha de voltar a fazê-lo, tinha de tornar a pegar num pincel e tinha de tornar a sentir a aspereza agradável do papel e as cores a ganharem vida nele. Mas evitava-o. A notícia que sabia ir receber em breve amedrontava-a e aquilo que antes a motivava não passava agora de uma recordação longínqua que se misturava levemente com o tempo.

O comboio avançava, fria e impiedosamente. Com ele arrastava as árvores, os montes e o céu, que se deixava cair sobre tudo como uma pesada manta de manchas brancas. Olhava com inveja a natureza de todas aquelas coisas. Parecia-lhe ver nelas uma felicidade infinita e inalcançável, tão distante e apartada da vida humana, insignificante e limitada.

Enquanto pensava nestas coisas, ouviu ao longe o som fundo do comboio a travar; levantou-se pesadamente e saiu.

Lá fora, a frescura aprazível do sol rapidamente fora substituída por um vento cortante e impetuoso. A rua à sua frente enchia-se de pessoas que, embebidas na azáfama da vida, avançavam obstinadamente. As folhas dos sicómoros à beira da estrada eram levadas pelo vento, voando perdidas entre a multidão, mas rapidamente tornavam a ser pisadas por um dos muitos pés que pisavam o chão. A seu lado, surgia um riacho, cujos reflexos ondulantes dançavam melancolicamente numa ponte que revelava ser bastante antiga, formando pequenos conjuntos de brilhos azul-claros. Corria sonoramente pelo vale, como

uma criança que brinca alegremente entre as pedras. A água do seu leito trazia o cheiro colorido da primavera, que começava já a envolver a vegetação do pequeno vale, mas não demorava a ser sufocado pela civilização, que punha fim à pureza inocente do rio.

A multidão tumultuosa começava a partir daí a dispersar-se lentamente, abrindo caminho para um pequeno aglomerado de casebres junto ao rio. Dirigiu-se para lá, afundada em pensamentos. Estacou de repente o andar mecânico junto a um velho portão verde na primeira fileira de casas. Abriu-o lentamente com uma chave que, a apontar pela ferrugem que a encobria, seria tão antiga quanto a casa ou o portão, e, deformada pelo uso, entrava já com alguma dificuldade na fechadura.

Avançou para a imensidão de vegetação, que tinha um aspeto bastante selvagem devido ao seu comprimento. Rapidamente algo lhe chamou a atenção: um canto de papel branco despontava da caixa de correio poucos metros à frente da entrada. Observava o papel, examinando-o, e compreendia tudo, as duras palavras que iria encontrar nele e como é que foram ali parar.

Apesar de já saber o que iria ler, assim que o tomou na mão, as suas lágrimas caíram como pesadas pedras sobre o papel, humedecendo-o levemente.

De repente, num ímpeto, deixou cair a carta e correu em direção à porta azul no meio da vasta parede da fachada da casa.

Tropeçava e arranhava-se nas ervas altas e ria-se para consigo mesma. Assim que entrou em casa, remexeu ferozmente todos os armários. Algo a movia, não sabia bem o quê.

Depois de ter encontrado aquilo que procurava, esboçou um sorriso de satisfação, aprontou e organizou todos os materiais em cima da mesa de jantar, sentou-se e começou a pintar.